

DIABLO
IV
BELIAL'S RETURN

TODOS QUE MENTEM



UM CONTE DE
MATTHEW J. KIRBY

HISTÓRIA

MATTHEW J. KIRBY

ILUSTRAÇÕES

ALEX MALEEV

EDITORIAL

CHLOE FRABONI

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

COREY PETERSCHMIDT

CONSULTORIA DE HISTÓRIA

IAN LANDA-BEAVERS

CONSULTORIA CRIATIVA

MATT BURNS, NICK CHILAN⁺,

DAVID LOMELI, RON MARZ

PRODUÇÃO

BRIANNE MESSINA, CARLOS GARCIA RENTA,

TAKAYUKI SHIMBO, VALERIE STONE

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

ROD FERGUSSON, MELISSA SMITH, RAFAEL TELL⁺

TRADUÇÃO

JULIA HENRIQUES, MARIANA BARR⁺S



Blizzard.com

© 2025 Blizzard Entertainment, Inc. e o logotipo Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA ou em outros países.

Publicado por Blizzard Entertainment

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou artista, ou são usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência. A Blizzard Entertainment não tem controle nem assume qualquer responsabilidade por autores, sites de terceiros ou seu conteúdo.

TODOS QUE MENTEM

ão era a primeira vez que o pai usava o carrinho de mão para levar um cadáver. Enchera-o de restos retalhados dos próprios vizinhos quando os caprinos desceram uivando do planalto. Usara-o para levar embora os mortos de uma aldeia que, apesar das fervorosas orações da paróquia, era assolada por febres e furúnculos. Num mundo melhor, o carrinho de madeira só teria conhecido o trabalho honesto da fazenda, carregando pedra ou adubo das latrinas. Mas o pai não vivia nesse mundo melhor. Ele e a esposa tiravam o parco sustento do solo duro das Cimeiras Fraturadas. O carrinho tinha manchas de peste e sangue derramado, e naquele momento levava o pequeno e frágil corpo de sua filha.

O casal se envergonhava demais do próprio objetivo para viajar durante o dia, então chegou à ruína à fria e mirrada luz da lua minguante. O que restava da capela desabada se elevava como costelas, carbonizadas e irregulares. O arco do portal onde já houvera portas se abria diante deles como uma boca desdentada congelada num grito sem voz. O pai e a mãe pararam na soleira, mas não era indecisão. Por diferentes razões, ambos já haviam feito a mesma escolha. Eles só tinham medo de dar o próximo passo.

A figura encapuzada emergiu das sombras da ruína para o luar pálido. “Esperávamos que vocês chegassem ontem”, disse ele. “Estava começando a me perguntar se manteriam a palavra.”

O pai descansou o carrinho de mão e as costas estalaram quando ele as esticou.

“Não foi fácil, a jornada.”

“Imagino que tenha sido deveras árdua”, comentou a figura. “E só ficará mais difícil daqui para a frente.”

“Está tentando nos convencer a desistir?”, perguntou a mãe.

“De forma alguma”, respondeu a figura. “Uma mudança de planos agora só traria resultados assaz... desagradáveis.”

“Para quem?” O pai cerrou os punhos calejados.

“Para vocês, claro.” A figura se aproximou, e sob o manto reluziu o pomo de uma adaga na cintura. “E para mim, já que fui quem intermediou o acordo. Agora há outras partes envolvidas, e não se deve decepcioná-las. Mas na verdade nada disso importa. Eu e vocês sabemos que vocês já vieram longe demais para se desviarem.”

A mãe se adiantou até diante do intermediário e olhou para cima, para dentro do capuz. “Então vamos parar com essa conversa fiada e fazer o que viemos fazer.”

O intermediário assentiu. “Presumo que no carrinho esteja...”

O pai puxou o pano de saco que usara para ocultar o corpo da filha. O vento gélido das montanhas evitou a decomposição. Ela usava a mortalha em que devia ter sido enterrada, e ao luar a pele pálida parecia reluzir, lustrosa como as pérolas. Um fio do belo cabelo castanho pendia pela testa e a bochecha, e o pai carinhosamente o ajeitou atrás da orelha, como se ela dormisse na própria cama. A mãe nem olhou para a menina.

“Uma criança tão linda...”, afirmou o intermediário. “Quantos anos?”

“Seis”, respondeu a mãe.

“Uma vez mais, permitam-me expressar minhas sinceras condolências...”

“Não precisamos das suas condolências”, interrompeu o pai. “Precisamos que os seus associados cumpram a parte deles no trato.”

O intermediário curvou a cabeça. “Justo. Eles os aguardam lá dentro.”

O PAI

Anos antes, a ruína fora uma capela grande, que servia a várias aldeias. As paredes grossas davam segurança aos fiéis e suplicantes, e os vitrais refulgiam nas longas noites com a promessa da esperança, mas só enquanto ela durou. Como tudo que provém dos mortais, a esperança morreu. Depois da Grande Hostilidade, todas as fés perderam força e aquela capela, como tantas outras, ficou abandonada e vulnerável à profanação.

O intermediário lhes mostrou o caminho pelos escombros. Eles esmagavam cacos de vidro enquanto passavam à sombra de colunas partidas e por cima dos destroços de bancos de madeira despedaçados. O pai vislumbrou o que restava de um semblante sagrado retratado num mosaico no chão e desviou rápido o olhar.

“Devíamos estar fazendo isso... aqui?”, perguntou.

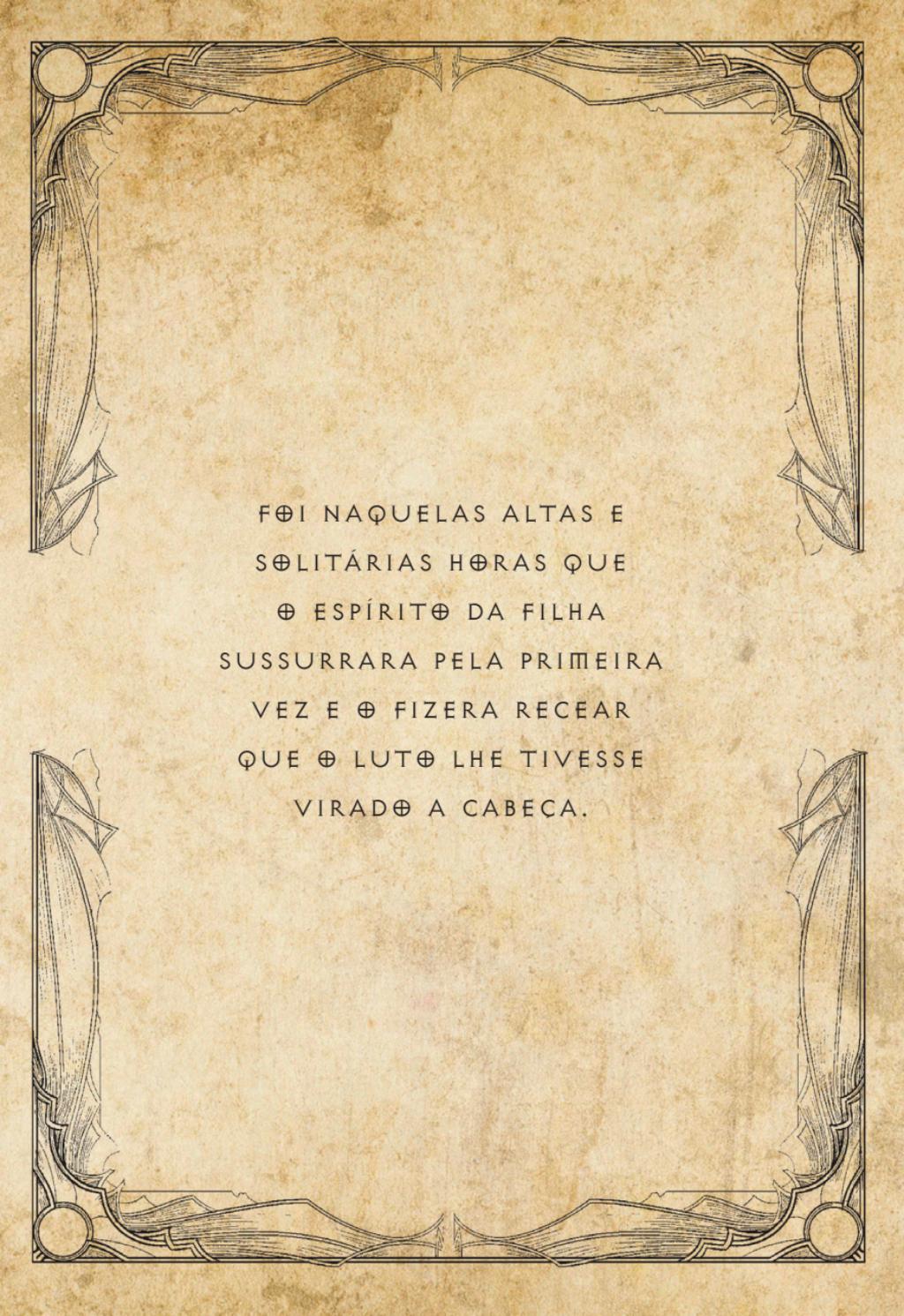
O intermediário sorriu com o canto da boca. “Não esperava que você fosse religioso.”

“Não sou”, retrucou o pai. “Mas também não saio por aí cutucando onça sem motivo.”

“Vocês não têm nada a temer aqui”, declarou o intermediário. “Ele foi desconsagrado. Qualquer santidade ou poder que ele possa ter possuído já o abandonou há muito tempo. É um lugar muito bom para fazer o que vocês vieram fazer.”

Não foi suficiente para tranquilizar o pai, mas antes que ele pudesse falar a filha sussurrou em sua mente. Ele carregava o corpo dela nos braços, com a cabeça apoiada no ombro. “Não tenha medo, papai”, disse ela, embora os lábios permanecessem cerrados. “Você está onde precisa estar.”

Ela falava assim com ele desde a noite em que morrera. Desde a noite em que o remédio da esposa falhara e sua menininha dera o último, desesperado e agonizante suspiro. Ele permanecera ao lado do corpo até bem depois de as velas se apagarem e a esposa pôr as outras crianças na cama. Foi naquelas altas e solitárias horas que o espírito da filha sussurrara pela primeira vez e o fizera recear que o luto lhe tivesse virado a cabeça. Mas ele conhecia aquela voz e não podia ignorá-la. A filha o procurara de além do abismo da morte e falara de um caminho de volta ao reino dos vivos. Ele prometera traê-la de volta — devia-lhe aquilo e muito mais —,



F^OI NAQUELAS ALTAS E
S^OLITÁRIAS H^ORAS QUE
⊕ ESPÍRITO⊕ DA FILHA
SUSSURRARA PELA PRIMEIRA
VEZ E ⊕ FIZERA RECEAR
QUE ⊕ LUTO LHE TIVESSE
VIRAD⊕ A CABECA.

mas sabia que era melhor não dar sinais da presença dela diante dos outros. Até a esposa acharia que ele havia enlouquecido.

Num canto afastado da capela, o intermediário se abaixou para abrir uma grade no chão. As dobradiças enferrujadas rangeram no silêncio da noite, fazendo o pai se assustar e se encolher um pouco. Sob a grade, descia uma escada estreita, banhada nos últimos degraus por uma fraca luz avermelhada. O intermediário lhes indicou o caminho e a mãe hesitou.

“Você deve nos considerar uns idiotas se acha que vamos descer ali com você.”

O intermediário deu um suspiro. “Não é o tipo de coisa que se possa fazer ao ar livre, nem mesmo num lugar como esse. Além disso, e não digo isso de forma ofensiva, mas vocês estão longe de ser o tipo de gente que valha a pena atrair até aqui se minha intenção for assaltar.”

“Vai, pai”, sussurrou a filha. “Desce.”

O pai olhou para a esposa. “Já chegamos até aqui, amor.”

“Mas não quer dizer que precisemos somar a burrice à nossa tolice.” Ela fez cara feia e balançou a cabeça. “Mas acho que...”

O pai desceu primeiro, seguido da mãe. No meio da escada, ouviram a grade ranger ao se fechar, e em seguida a chave girando na tranca pesada. Antes de qualquer um dos dois poder protestar, o intermediário explicou: “Foi para a nossa proteção. Um buraco aberto no chão seria um convite e tanto aos horrores que moram por essas bandas.”

Relutantes, o pai e a mãe continuaram pela escada até chegarem às criptas da capela. Tochas enchiam as câmaras de uma névoa fumacenta, encobrindo o ar úmido que cheirava a mofo. Oferendas e memoriais, deixados para os mortos junto aos caixões, estavam totalmente decompostos. Alguns sarcófagos mais grandiosos haviam sido arrombados e saqueados por ladrões de tumba, e neles restavam apenas ossos espalhados. Numa pequena câmara lateral aguardavam uma jovem e um velho.

O intermediário apresentou a mulher como uma feiticeira do poderoso clã Vizjerei. Com cabelos carmesins, ela usava finas vestes bordadas de seda e cetim. Os altivos olhos verdes pareciam brilhar arrogantes à luz do fogo. O velho se postava ao lado de um altar onde ardia um pequeno braseiro. De pequena estatura, cabelos brancos e olhos fundos, sua indumentária simples de lã tinha cor de carvão.

O intermediário identificou-o como sacerdote.

“Sacerdote do quê?”, indagou o pai.

“Não sou da Catedral da Luz, se é essa a sua preocupação”, respondeu o sacerdote, a voz oca arranhando como uma colher no fundo de uma chaleira vazia.

“Eu ficaria surpresa se fosse”, comentou a mãe. “Já pedimos ajuda ao povo da Catedral, e eles nos disseram que aquilo era blasfêmia.”

“Sacerdote de Rathma, então?”, questionou o pai. “Falamos com um deles também, e ele nos admoestou como se fôssemos crianças. Disse que não respeitávamos o Equilíbrio.”

O sacerdote balançou a cabeça. “Eu não sou necromante...”

“Então o que você é?”, perguntou a mãe.

Foi o intermediário quem interveio. “Ele está disposto a ajudar vocês. O que mais você precisa saber?”

A mãe pôs as mãos na cintura. “Eu gostaria de saber um pouco sobre as pessoas com quem estamos lidando. E por que eles concordariam em ajudar gente como nós.”

O sacerdote sorriu de um jeito que lhe ensombrecia os olhos, mas não revelou mais nada.

“Vou responder sua pergunta”, afirmou a feiticeira. “Estou aqui pelo que foi prometido. Vocês trouxeram?”

“Eu trouxe”, replicou o pai.

A feiticeira estendeu a mão. “Pagamento adiantado. Foi o combinado.”

Com a filha no colo, o pai não podia fornecer com facilidade o que a feiticeira queria. Foi o sacerdote que disse, com gentileza: “Venha, deite o corpo aqui, no centro do círculo que eu preparei.”

O pai olhou para baixo e notou que um intrincado círculo fora mesmo traçado a giz no chão da cripta. Os sigilos e símbolos pareciam pegos numa matriz de geometrias sobrepostas. O pai entrou no círculo com cuidado, evitando as linhas com as botas, e deitou a filha no centro, o corpo se encolhendo como se a pedra fria lhe desse calafrios. Ele, então, saiu do círculo, e do capote puxou uma varinha de aparência antiga. Era feita de um metal escuro que recusava qualquer polimento, uma vara fina em torno da qual se enroscava uma serpente. Não tinha joias, ou teriam sido arrancadas e vendidas havia muito tempo, mas tivera gravadas

sofisticadas marcas não muito diferentes das do círculo no chão.

“Eis o prometido”, declarou o pai, estendendo a varinha na direção da feiticeira.

Ela a pegou lentamente, com reverência, e a girou na mão, estudando cada centímetro. O sacerdote deu um passo para o lado para olhar a relíquia por sobre o ombro da feiticeira.

Ele arregalou os olhos. “Isso é... de Viz-Jun?”

“É uma varinha lendária”, confirmou a feiticeira. “Feita por Ranslor, artífice chefe dos Vizjerei.” Ela olhou para o pai. “Como você encontrou isso?”

Ele deu de ombros. “Está com a minha família há gerações. É herança, digamos assim. Diz a lenda que foi achada numa caverna.”

“Mais provavelmente um *túmulo*”, murmurou o intermediário num relance para os caixões pilhados, mas o pai ignorou a desfeita a seus antepassados.

O sacerdote coçou o queixo e disse à feiticeira: “Tenha cuidado com a varinha. Receio que o poder dela seja grande demais para você.”

Ela pareceu ofendida. “Você não tem ideia do poder que há em mim.”

“Mas você aceita a varinha como pagamento, não aceita?”, questionou o pai e, quando a feiticeira assentiu, ele deu um suspiro.

“Logo, logo”, sussurrou, do chão, a filha. “Logo estaremos juntos.”

A FEITICEIRA

 quanto ao meu pagamento?", questionou o sacerdote.

A feiticeira dirigiu ao velho um olhar furioso ao guardar a varinha nas próprias vestes, indignada com a tentativa de censurá-la. Ele lembrava os magos severos e acabados do Santuário Yshari, covardes invejosos que se escondiam por trás de seu precioso Conciliáculo e usavam regras intermináveis para restringir quem quer que tivesse poder de verdade. Talvez, se tivessem sido menos temerosos, seu Sacrário não tivesse caído quando os demônios arrasaram Caldeum.

O pai da menina morta entregou ao sacerdote uma pequena algibeira de couro. O sacerdote avaliou o peso na palma da mão e disparou: "Não preciso nem olhar para saber que isso tem uma mera fração do preço que acordamos."

O sacerdote cerrou o punho em torno da algibeira. Uma ameaça chocante lhe veio aos olhos ao se voltar para o intermediário, cuja reputação acabara de ser ameaçada. A feiticeira não sabia se o pai sequer enxergava o perigo que ele e a esposa corriam naquele momento.

"A culpa é minha", declarou o pai, mostrando uma estupidez, ou uma coragem, maior do que ela presumira que tivesse. "Eu sabia que não tínhamos os meios para pagar você, mas viemos assim mesmo. Eu esperava que pudéssemos fazer algum novo acordo."

O sacerdote se virou para ele, o escárnio estampado no rosto. "Que tipo de acordo?"

O pai gaguejou. "Bem... eu... não sei bem. Mas eu pago minhas dívidas. Tenho costas fortes e trabalho duro."

O sacerdote abriu um sorriso. "Está propondo me servir?"

O pai empalideceu e hesitou, perturbado, talvez, pelo comportamento do velho, ou pela escolha de palavras, e a feiticeira não podia culpá-lo. Mas ele estava obviamente desesperado. "Suponho que sim", respondeu ele.

O sacerdote se afastou do intermediário e se aproximou do pai, que conseguiu se manter firme, embora tenha reposicionado os pés e penado para olhar o velho nos olhos. Passaram-se alguns segundos. A feiticeira assistia e esperava. Não lhe faltava compaixão pelo pai, e parte dela queria alertá-lo contra assumir qualquer tipo de dívida com o sacerdote, especialmente uma de servidão. Mas não era da conta dela,

e ela permaneceu em silêncio.

"Muito bem", disse enfim o sacerdote. "Farei isso para você por gentileza. Como um favor. E, em troca, você me fará um favor."

"Qual?", indagou a mãe.

"Um favor equivalente", replicou o sacerdote. "Você saberá quando chegar a hora. Estamos acordados?"

O pai hesitou, e então olhou subitamente para o cadáver da filha, como se levasse um susto. Ele fitou o corpo de modo estranho por alguns instantes e respondeu: "Estamos."

"Excelente." A atitude do sacerdote voltou plenamente à jovialidade que demonstrara até então. Ele ofereceu a algibeira de couro de volta ao pai, que a aceitou, parecendo um tanto desorientado. "Testemunhe-se", começou o sacerdote, "que acordamos uma nova compensação e que eu considero resolvida a questão do pagamento."

"Testemunhado está", anunciou o intermediário, com óbvio alívio na voz.

"E agora", disse o sacerdote aos pais, "sugiro que vocês fiquem o mais à vontade possível e nos deem espaço para continuar os preparativos."

Com um olhar de despedida, mãe e pai voltaram à câmara principal da cripta, conduzidos pelo intermediário, enquanto o sacerdote voltava ao tomo que continha as instruções do ritual. A feiticeira jamais fizera qualquer feitiço assim, nem jamais vira qualquer livro de magia como aquela. Ele parecia muito velho, com páginas amareladas, encapado num couro bastante gasto. Conseguia decifrar parte do conteúdo, mas o velho parecia entendê-lo bem. Enquanto ela se apoiava numa parede próxima, ele sentou no chão de pernas cruzadas com o pesado volume aberto no colo.

"Você é sacerdote mesmo?", indagou ela.

O olhar permaneceu fixo no pergaminho. "Sou."

"Bem, se você não é da Catedral e não é necromante, então..." Ela só conseguia pensar em uma outra igreja. "Você não é de... Zakarum?"

Ele fez uma mesura com a cabeça. "Como você disse."

"Achei que vocês tivessem morrido."

"E passamos perto. Mas restam uns poucos fiéis à verdadeira igreja."

A irritação que ainda sentia com o velho a levou a uma provocação. "Dizem que

a sua igreja foi corrompida de um jeito irredimível pelo demônio Mefisto.”

Com isso ele finalmente ergueu o olhar, e ela teve um breve momento de satisfação por tê-lo incomodado. “E você?”, perguntou ele, com uma calma que de alguma forma parecia zombar dela. “É mesmo do clã dos magos Vizjerei?”

Ela ergueu a cabeça. “Sou.”

“Dizem que o seu povo foi o primeiro a invocar os demônios para o nosso mundo.” Ele sorriu.

A feiticeira forçou uma risada para enfatizar o absurdo da afirmação. “Faz muito, mas muito tempo.”

“Claro que faz”, observou o sacerdote. “E é por isso que você, mais do que ninguém, consegue entender como pode ser ofensivo me imputar os pecados de meus antecessores.”

O orgulho dela não lhe permitiria admitir que ele estava certo, e ela olhou de relance para a cripta à sua volta. “A sua igreja aprovaria isso?”

“Há muita Luz no amor parental”, respondeu ele. E pouco depois acrescentou: “Notei que as suas vestes não têm sinal das marcas de que você concluiu seu treinamento.”

E com isso a feiticeira saiu da parede em direção a ele, de raiva renovada, mas apenas porque era a verdade. Fora expulsa da ordem antes de completar o treinamento, embora guardasse o fato para si mesma. “Eles não tinham mais nada a me ensinar”, respondeu. “Então eu fui embora.”

“Isso eu consigo respeitar”, comentou o sacerdote. “A busca pelo poder pede ousadia. Mas um ritual de ressurreição é perigoso. Preciso me arriscar a ofendê-la e perguntar se você é capaz de realizar a sua parte.”

A feiticeira sabia que a pergunta do velho era válida e razoável, e merecia uma resposta sincera. “Mais do que capaz”, afirmou.

“DIZEM QUE O SEU Povo Foi O
PRIMEIRO A INVOCAR OS DEMÔNIOS
PARA O NOSSO MUNDO.” ELE
SORRIU.

A FEITICEIRA FORÇOU UMA RISADA
PARA ENFATIZAR O ABSURDO DA
AFIRMACÃO. “FAZ MUITO, MAS
MUITO TEMPO.”

A MÃE

Enquanto o sacerdote e a feiticeira faziam os preparativos, murmurando encantamentos, queimando coisas e traçando sigilos no chão e nas paredes, a mãe esperava sentada com o pai e o intermediário. A fumaça no ar lhe feria os olhos e o frio da cripta lhe dava calafrios até os ossos. Ela queria que tudo aquilo acabasse.

“Quanto falta?”, perguntou ela ao intermediário, mais por impaciência que por curiosidade.

“Não tenho como saber”, respondeu ele. O homem ainda não tirara o capuz, mas ela via a luz do fogo refletida nos olhos. “Você não quer apressá-los, quer?”

“Claro que não”, respondeu o marido. “Eles precisam do tempo que for necessário.”

Para ela a esperança dele era como um tição nas entradas. Ele ainda acreditava que a filha podia voltar, e ela não tinha a disposição nem a coragem de contrariá-lo. A hora de ser sincera passara já fazia muito tempo. Se soubesse até que ponto ele iria, ela teria tentado dissuadi-lo com mais afincos da missão que os levava àquele lugar amaldiçoado. Ela lhe teria poupadão a dor. Então parecera mais fácil deixar que ele lamentasse e vivesse o luto a seu próprio jeito, mas a cada passo que ele dava naquele sentido ela achava mais difícil falar a verdade... até que simplesmente se tornara impossível. Mas fizera o que fizera por ele.

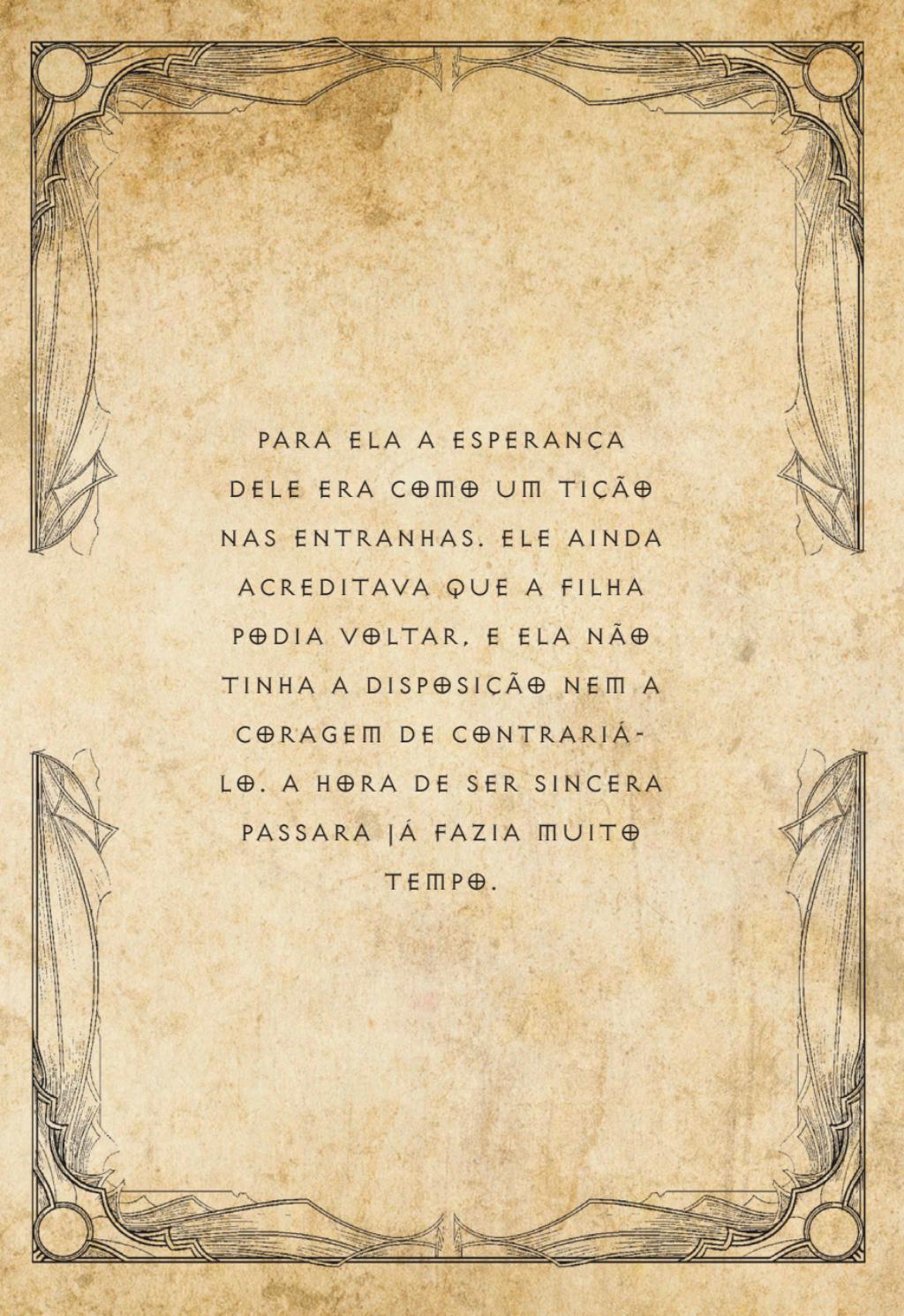
“Acho que temos que ir até o fim”, sussurrou ela.

Algum tempo depois o sacerdote apareceu e anunciou: “Estamos prontos.”

A mãe e o pai voltaram com o velho para a câmara menor. O círculo no chão fora dividido, com pequenos anéis periféricos marcando seus quatro cantos. No centro, o corpo da filha fora despidos da mortalha e repositionado para ficar de barriga para cima com os braços bem abertos. As mãos delicadas apontavam cada uma para um anel menor, enquanto a cabeça e os pés apontavam para os outros dois. Ela parecia tão pequena... como uma boneca com membros feitos de pálidos gravetos. A mãe não aguentava olhar para ela e fitou o marido. Ele cobrira a boca ante a visão da filha, sufocando um nó na garganta, mas recobrou a postura e assentiu como se concordasse com algo que ninguém no aposento dissera.

“O que precisamos fazer?”, perguntou ele.

A feiticeira respondeu: “Assumam suas posições.”



PARA ELA A ESPERANÇA
DELE ERA COMO UM TICÃO
NAS ENTRANHAS. ELE AINDA
ACREDITAVA QUE A FILHA
PODIA VOLTAR, E ELA NÃO
TINHA A DISPOSIÇÃO NEM A
CORAGEM DE CONTRARIÁ-
LO. A HORA DE SER SINCERA
PASSARA JÁ FAZIA MUITO
TEMPO.

Ela já estava no anel da mão direita. O sacerdote direcionou o pai ao anel dos pés, e o intermediário ao anel da mão esquerda. A mãe foi para o pequeno anel da cabeça da filha, mas manteve o queixo erguido e evitou olhar para o rosto sem vida.

O sacerdote parou em frente ao pai, segurando uma faca curva e uma pequena tigela. “O ritual requer uma pequena quantidade do seu sangue”, afirmou. “Por favor, estenda a mão.”

Ninguém mencionara nenhuma sangria para a mãe até aquele momento, mas ela não podia recusar, especialmente quando o marido se oferecera sem qualquer hesitação. Quando o sacerdote finalmente foi em sua direção, passando por cima do braço da filha, ela estendeu a mão com relutância. Ele talhou a palma, sem muita profundidade, mas o suficiente para uma ou duas gotejadas na tigela. Ele, então, pôs a faca e o copo no chão e, com os dedos frios e ossudos, enfaixou a ferida.

“A dor é momentânea”, afirmou ele. “Diferente do luto, que logo cessará.”

Ele pegou do chão o recipiente com o sangue, deixando a faca onde estava, e foi ao altar com o braseiro aceso. Pegou a mortalha e dela rasgou duas tiras de tecido. Então, mergulhou uma pena negra no sangue recém-tirado.

“E agora”, prosseguiu, olhando para o pai, “você precisa oferecer uma lembrança da sua filha. Fale a verdade sobre seu amor por ela em vida.”

“Meu amor?” O pai olhou para baixo, para o cadáver, e as lágrimas lhe vieram aos olhos. “O que eu posso dizer? Ela era minha caçula e minha única menina, minha alegria neste mundo amaldiçoado. Mesmo ao adoecer, ela nunca deixou de sorrir. Ela... costumava fazer canções bobas que me alegravam o coração depois dos dias mais difíceis.” Ele pareceu abalado, paralisado com o que via no chão. “Às vezes... às vezes eu ainda...”

“Ainda o quê?”, questionou a mãe.

O pai balançou a cabeça e fechou os olhos com força. “Deixa para lá. Você quer a verdade, sacerdote? Bem, a verdade é que eu falhei. E não consegui protegê-la.” O olhar dele foi do corpo para a esposa do lado oposto do círculo. A expressão dele se tornara fria e vazia como uma lápide desgastada, e ela se perguntou o quanto ele sabia.

“Isso é suficiente”, declarou o sacerdote, escrevendo na mortalha com a pena ensanguentada. Quando terminou de escrever, ele reservou aquele pedaço do pano, pegou o segundo e esperou.

A mãe da menina sentiu que era sua vez e, mesmo sabendo que o ritual fracassaria, não conseguiu se forçar a mentir. Quando ela finalmente falou, dirigiu as palavras ao marido.

“Eu... Eu a amava, sabe. Mas não era o mesmo que com os meninos. Nunca me apeguei a ela, nem ela a mim. Mesmo quando amamentava, parecia que ela era de outra pessoa. Como se tivesse sido trocada. Sei que é errado uma mãe dizer essas coisas.” Seu olhar pousou no rosto redondo a seus pés, e descobriu, envergonhada e horrorizada, que a afeição pela menina não aumentara na morte. “Você quer uma lembrança, sacerdote? Eu me lembro da alegria que ela dava a meu marido. Acho que uma parte de mim a amava por isso, pelo menos.”

Ela jamais dissera a verdade tão diretamente, e ergueu o olhar para ver um aposento silencioso e imóvel. O sacerdote parara de escrever. A feiticeira e o intermediário a encaravam, mas o marido, não. Ela sabia que lhe partira o coração, e o resto da verdade o destruiria se ela falasse.

“Basta, sacerdote?”, indagou ela.

“Isso...” Ele pigarreou. “Isso basta.”

Depois de terminar de escrever no segundo retalho da mortalha, ele entoou algumas palavras num idioma desconhecido e pôs as duas faixas juntas no braceiro. A queima encheu o aposento com uma fumaça acrimoniosa.

“Por que...?”, começou a sacerdotisa, mas tossiu e depois continuou. “Por que destruir as lembranças?”

“Como assim?”, indagou o sacerdote.

A feiticeira franziu a expressão e pareceu confusa. “Essas lembranças não são um fio que liga os pais à criança? Por que queimar?”

O sacerdote a encarou com óbvio desprezo. “Se acha que eu cometí um engano, por favor, consulte o texto. Sua correção é bem-vinda.” Ele indicou o pesado tomo no altar atrás de si.

A feiticeira engoliu em seco. “Não. Tenho certeza de que você está correto.”

Ele assentiu e, então, ergueu os braços e a voz em coro com ela. As últimas palavras do feitiço, bradas, encheram a cripta, e a mãe julgou ter ouvido sussurros que lhe chegavam aos ouvidos montados nos ecos. As tochas vacilaram, ou talvez sua visão tenha escurecido. O ar da tumba pareceu mais rarefeito, como se algo o tivesse sugado, e foi difícil respirar. Ela ouviu um guincho e um latejamento que

vinham de sua própria cabeça, num assalto aos sentidos. Chegou a achar que sua mente se perderia no abismo que se abriria dentro de si, mas subitamente a pressão a libertou. Desesperada, ela arfou e abriu os olhos.

⊕ AR DA TUMBA PARECEU
MAIS RAREFEITO, COMO SE
ALGO ⊕ TIVESSE SUGADO,
E FOI DIFÍCIL RESPIRAR.
ELA ⊕ OUVIU UM GUINCHO
E UM LATEJAMENTO QUE
VINHAM DE SUA PRÓPRIA
CABECA, NUM ASSALTO AOS
SENTIDOS.

O SACERDOTE

 ritual fora um sucesso para seu verdadeiro propósito e não podia ser interrompido. Os outros na cripta não saberiam, a princípio, e poderiam morrer antes de saberem, mas não mudava nada. O sacerdote servira bem ao próprio mestre.

Um espasmo convulsionou no corpo no chão, causando um berro de medo da mãe e um grito de alegria do pai. Ele foi ao chão ao lado do corpo enquanto este tremia e ganhava vida e o aninhou, soluçando. “Ela está respirando!”, exclamou. “Está viva!”

“Não.” A mãe ficou parada, boquiaberta e de olhos arregalados. “Não é possível.” O marido parecia tê-la ouvido, ou estar ouvindo algo mais alto na própria mente. “Você estava certa”, sussurrou ele. “Estava certa.”

A mãe caiu de joelhos, encurvada, ombros caídos, diante da faca do sacerdote. “Seu idiota”, murmurou ela. “Você nos condenou.”

O pai olhou para cima. As lágrimas lavavam a sujeira do rosto, e ele encarou a esposa, confuso. “Condenei? Mas a magia funcionou! Ela está viva!”

“E por causa disso nós vamos morrer!”, gritou ela em resposta, cada vez mais frenética, descontrolada.

A feiticeira foi na direção dela. “O que você quer dizer?”
A mãe estava pálida, num terror indefeso. “Ela estava sempre adoentada. Pa... parecia a coisa certa... não *certa*, mas a melhor.” Ela abraçou o próprio ventre e começou a balançar para a frente e para trás. “Eu fiz por nós”, gemeu ela. “*Eu fiz por nós!*”

“O que você fez?”, perguntou o marido.
A mãe da menina revelou o que o sacerdote já sabia. “Duas semanas atrás”, começou, “eu sonhei que catava lenha e um lobo me pegava sozinha na floresta... uma fera monstruosa. E-eu nunca vi nada igual, e achei que fosse fazer picadinho de mim. Mas não era um lobo comum. Os olhos queimavam nas órbitas, e ele falava. Eu juro que é verdade, e o lobo *falou* comigo!”

“O que ele disse?”, interrogou a feiticeira.
A mãe teve calafrios ao lembrar. “Que caçaria todos que eu amo... meu marido, meus filhos... e comeria devagar. Chuparia o tutano dos ossos enquanto ainda

estivessem vivos... se eu não fizesse o que ele dissesse.”

“O que você fez?”, repetiu o marido.

A mãe prosseguiu: “O lobo prometeu poupar o resto de nós se...”

“Se o quê?”, berrou o pai, fazendo a esposa se encolher.

“Se eu sacrificasse nossa filha mais nova!”, revelou. “Ela... teria morrido de qualquer forma, entende? E eu estava tão cansada de cuidar dela... Ela era só um peso para nós!”

Ao ouvir aquilo, a feiticeira olhou para o sacerdote. Em seguida, atravessou a câmara e foi ao altar, pegando e abrindo o tomo ancestral. O sacerdote não se moveu para impedi-la. Se tivesse o conhecimento e a perícia para ler o livro, ela jamais teria permitido que o ritual começasse. E, mesmo que conseguisse decifrar a verdade àquela altura, lhe faltava o poder para fazer qualquer coisa a respeito.

“Você... a envenenou. Por causa de um sonho?” O pai balançou a cabeça como se o que estava pensando não coubesse lá dentro. “Você trocou a vida da sua filha pela sua?”

“Não!”, gritou ela. “Pela sua! Pela dos nossos filhos!” Ela levou as mãos à testa, cravando os dedos. “Mas nós desfizemos tudo, não viu? E agora o lobo virá atrás de nós! Ele vai nos devorar!” Ela viu a faca no chão e, movida pelo terror, foi pegá-la e saltou até a filha para sacrificá-la pela segunda vez.

O pai também agiu sem pensar, saltando para interceptar a esposa. Eles colidiram e foram ao chão, rolando, agarrando, arranhando, implorando e gritando. Então, a mãe gritou uma única vez. O marido saiu de cima dela, revelando a faca cravada alto no peito, entre o coração e a garganta. Os olhos dela se arregalaram, e o queixo tremeu enquanto um som sibilado e gorgolejante saía da garganta. O marido gritou de agonia e correu de volta para o lado dela, tocando gentilmente a face, a garganta, o cabo da faca, sem fazer mais *nada* até que ela morresse em seus braços.

Tudo ocorrera em poucos instantes, pelos quais o sacerdote se mantivera estático. Ele notou que o intermediário recuara, também permitindo o desenrolar dos eventos. Quanto à feiticeira, mesmo que se importasse o suficiente com o casal para intervir, naquele momento a consumia uma conclusão cada vez mais inescapável.

“Não foi uma ressurreição”, sussurrou ela, horrorizada, ao tirar os olhos do livro.

“NÃO FOI UMA
RESSURREIÇÃO”,
SUSSURROU ELA,
HORRORIZADA, AO TIRAR
OS OLHOS DO LIVRO.

“Não?”, perguntou o sacerdote. “Então diga, Vizjerei que não tinha mais nada a aprender com os professores, o que foi.”

“Pai?”, disse o corpo da menina, piscando até finalmente abrir os olhos.

“Eu estou aqui!” O pai deixou a esposa morta e correu de volta para o lado da filha, coberto do sangue da mãe. “E eu estou aqui, minha querida.”

A feiticeira sacou das vestes a varinha ancestral. “Isso *não é* a sua filha”, afirmou. “Afaste-se. Agora.”

“Do que você está falando?” O pai acariciava a testa da filha e lhe ajeitava o cabelo, imune à razão. “Olhe para ela. Quem mais seria?”

“Não sei”, disse a feiticeira, afastando-se lateralmente do altar e do sacerdote, mirando no corpo da menina com a varinha. “Só consigo ler um pouco do feitiço. Mas lhe digo que isso não foi uma ressurreição. Foi uma *evocação*.”

“Você não entende”, explicou o pai. “Ela vem falando comigo o tempo todo, me guiando a cada passo. Ela me trouxe aqui para trazê-la de volta.”

“Você foi enganado”, declarou a feiticeira, com um tremor na voz. “Fomos todos enganados. Mas ainda não é tarde demais. Posso destruir o corpo antes da possessão completa. Agora afaste-se, ou serei forçada a destruir você junto.”

“Será que pode?”, questionou o sacerdote.

A feiticeira ajustou a postura e a empunhadura da varinha, e o velho pôde ver a falta de confiança, o medo da própria inadequação, que ela mantivera oculto até de si mesma.

“Você acha mesmo que tem essa habilidade?”, prosseguiu ele, provocando-a com escárnio. “Você pode ter grande poder, mas é uma criança indisciplinada. Você não tem paciência. Não tem a coragem de admitir o que não sabe, e foi por isso que repetiu o grande pecado de seus antepassados.”

“Não”, sussurrou ela. Em desespero, ela se voltou para o intermediário, que permanecia afastado, nas sombras. “Nós precisamos impedir isso!”

“Nós?”, perguntou ele. “Minha participação nos negócios de vocês acabou.”

A feiticeira rosnou uma maldição contra ele, mirou a varinha contra o corpo e lançou um feitiço. O sacerdote imaginava que ela fosse atirar uma seta de fogo, mas em vez disso as chamas irromperam na direção dela, engolfando-a numa labareda que lhe incendiou as vestes. Ela gritou e rolou no chão, contorcendo-se e rolando, talvez tentando apagar o inferno. O ar se adensou com a fumaça da carne

queimada. Ela conseguiu se erguer com dificuldade e correu para fora da câmara, guinchando sem cessar, como um animal.

O intermediário sacou sua adaga e a seguiu sem uma palavra, enquanto o sacerdote ia até onde ela deixara cair a varinha ancestral. Ele se perguntou se não estaria quente ao toque, mas ao pegá-la o metal era frio o suficiente para fazer doer a artrite das juntas. O pai sentou no chão ao lado da esposa morta, segurando o corpo da filha, aparentemente alheio a tudo.

Logo depois, a feiticeira parou de gritar.

Em seguida, o intermediário voltou, caminhando penosamente e balançando a cabeça. “Esse alvoroço todo pode ter atraído atenção indesejada.” A adaga estava coberta de sangue e cinzas e, quando ele notou a varinha na mão do sacerdote, apontou para ela com a lâmina. “Isso aí fica comigo.”

O INTERMEDIÁRIO



sacerdote zombou. “O lugar dessa relíquia é em mãos muito mais capazes que as suas. O que você fará com ela? Vender?”

O tom de voz do intermediário ficou mais sombrio. “Vender, pendurar na minha lareira, usar para raspar o meu penico... não é da sua conta. Os termos com que você concordou foram satisfeitos. A varinha não estava no seu preço.”

“E não estou negociando”, informou o sacerdote antes de gritar uma maldição gutural de drenagem o sangue.

O intermediário não era burro. Entrara na cripta preparado, e o amuleto que usava no pescoço, que custara quase o que lhe valeria a varinha, protegeu-o da magia sombria do sacerdote.

“Que tédio”, comentou o velho num suspiro. “Não gosto desses métodos mais crus.”

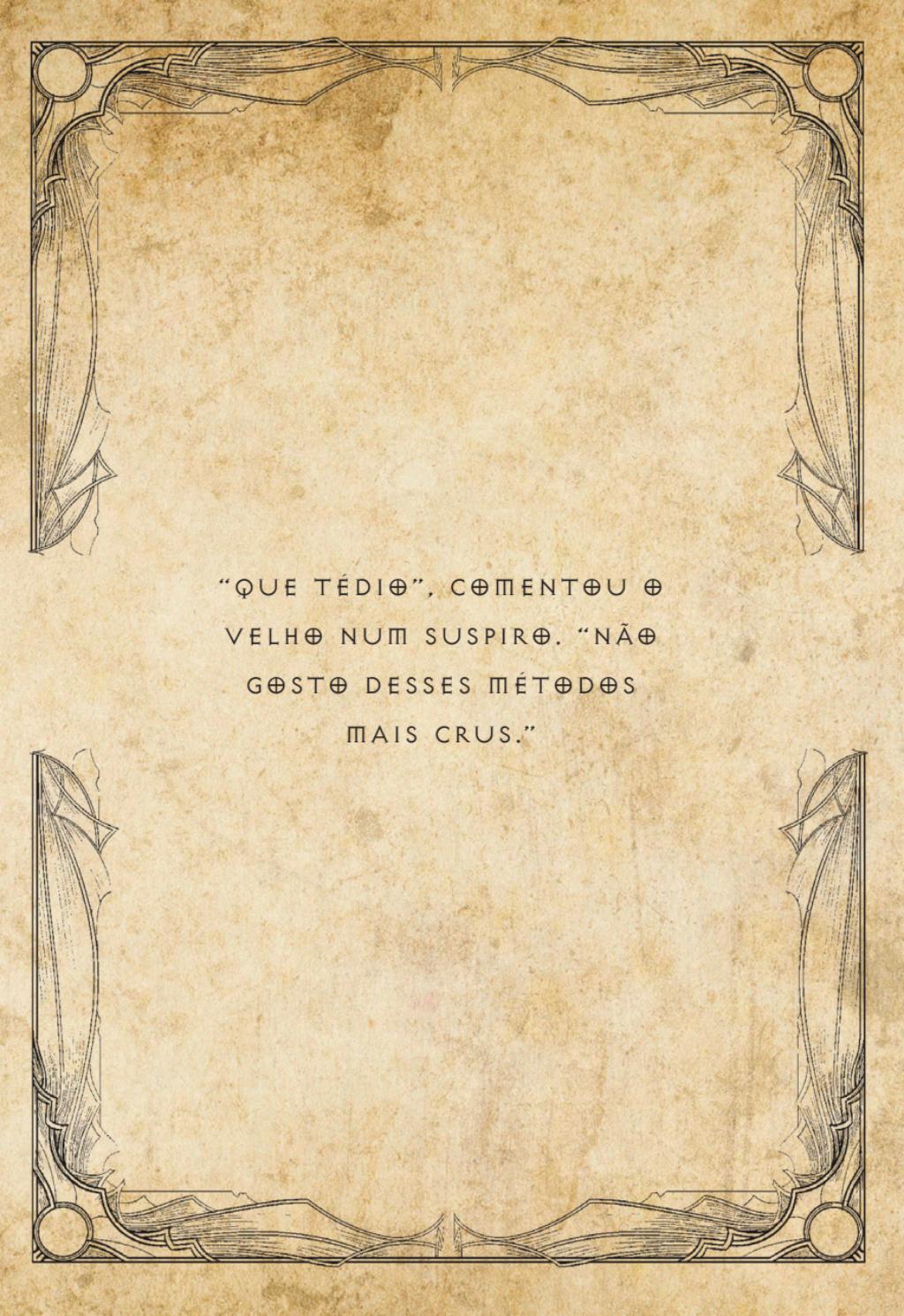
O intermediário investiu contra ele, esperando retalhá-lo antes que pudesse tentar lançar um feitiço diferente, que fosse além dos limites do amuleto, mas o sacerdote era mais ágil do que parecia. Ele se esquivou da lâmina e saltou para o outro lado da câmara. Entre eles, no chão, o pai recobrara uma lucidez suficiente para proteger o corpo da filha da comoção com seu próprio, ainda convencido de que era mesmo a criança.

O sacerdote gritou com ele: “*Você!* Pague sua dívida comigo e mate aquele homem!”

Mesmo que o pai tivesse obedecido, o intermediário tinha pouco a temer do fazendeiro. Além da lâmina cravada na esposa, o homem estava desarmado e entorpecido pelo luto. Mas o pai surpreendeu o sacerdote e não fez nada. Ele olhou para o velho com a expressão estulta de um idiota.

“De pé!”, sussurrou o sacerdote. “Mate-o!”

O intermediário aproveitou o momento de confusão, voou para o outro lado da câmara e trespassou o velho. O sacerdote, chocado, resmungou e olhou para baixo, para a faca entre suas costelas. A varinha de metal caiu e retiniu no ladrilho. Com ambas as mãos, o velho segurou a guarda da adaga num movimento débil, mas não sabia o que fazer com aquilo. Então, ele fitou o rosto do intermediário e as sobrancelhas brancas se ergueram de incredulidade.



“QUE TÉDIO”, COMENTOU O
VELHO NUM SUSPIRO. “NÃO
GOSTO DESSES MÉTODOS
MAIS CRUS.”

"Que foi?", indagou o intermediário. "Seu mestre lhe prometeu que você sairia vivo daqui?"

O sacerdote tentou dizer alguma coisa, mas o sangue que lhe vinha à boca o fez cuspir e se babar todo de vermelho. O intermediário deu um passo atrás e descrevou a adaga. O sacerdote foi ao chão.

"Você fez bem", disse o corpo da menina.

O pai sorriu para ela. "Eu não fiz nada. Foi..."

"Você, não", corrigiu ela, olhando para o intermediário.

O pai sentou-se ereto, com a cabeça inclinada, sorrindo, confuso. O delírio dele quase dava pena.

"Essa não é a sua filha", afirmou o intermediário.

"É... o Senhor da Mentira", completou a voz rasgada de um montículo no chão, o sacerdote moribundo. "Belial."

O intermediário conteve uma risada. "Então você *sabia*."

"Claro... que eu sabia." O sacerdote tossiu, respingando sangue nos ladrilhos. "Eu fui enviado."

Belial levantou o corpo da menina morta, pondo-a de pé, e por ela falou com o sacerdote. "Você também me serviu bem."

O sacerdote rosnou e seu rosto se contorceu de dor quando ele virou o corpo para encarar o demônio. "Eu... não sou *seu* servo."

Belial riu. "Todos que mentem me servem." Com passos de pés pequenos e delicados o demônio se aproximou do velho, se agachou ao lado dele e sussurrou: "Você acha que eu não sei daquele a quem você *acredita* que serve?"

O sacerdote desabara, sem forças, e seu rosto jazia numa poça do próprio sangue. Mal conseguia falar, mas com um último suspiro ele sussurrou: "Você... é servo *dele*..."

"Filha?" O pai da menina se ajoelhou no chão com os braços pendentes ao lado do corpo. "Que... que palavras malignas são essas que você diz?"

Belial riu, uma gargalhada grave na garganta da criança morta, que parecia raspar como garras as paredes da cripta. "Até mesmo agora você mente para si mesmo." Num saltinho, o Senhor da Mentira foi até ele e se debruçou para falar alto, como se o pai é que fosse a criança. "Sua filha *se foi*. Foi assassinada pela sua esposa. Mas você sabia, não sabia? Você não conseguiu protegê-la, e por isso

“VOCÊS MORTAIS MENTEM
COM TANTA FACILIDADE!
MENTEM POR VERGONHA.
MENTEM POR MEDO.
MENTEM POR AMBICÃO E
GANÂNCIA. E ISSO Torna
TODOS VOCÊS MEUS
FILHOS.”

fez exatamente o que eu lhe disse. Por isso pôs o cadáver dela num carrinho de mão para trazê-lo aqui. Você não está vendo? Você e sua esposa, e a feiticeira, e o sacerdote, e até o intermediário que reuniu todos vocês... todos estiveram aqui por causa das próprias mentiras. Vocês mortais mentem com tanta facilidade! Mentem por vergonha. Mentem por medo. Mentem por ambição e ganância. E isso torna todos vocês *meus filhos*."

"Não", disse o pai, balançando a cabeça como se os ossos do pescoço tivessem amolecido. "Por favor, minha querida, não!" Ele saltou e puxou o demônio para um abraço desesperado, soluçando na veste branca da menina morta. "Não acredito! Não vou acreditar!"

"Não importa no que você acredita." Então, o demônio envolveu o homem com os braços e apertou, partindo costelas. O pai teria gritado, mas todo o ar fora expulso dos pulmões, e ele só conseguia olhar boquiaberto, com os olhos injetados, para o teto abobadado, enxergando finalmente a verdade.

O demônio fez uso da carne viva do homem, esticando-se para dentro dele e através dele, debatendo-se e raspando garras no chão. A câmara ecoou o rasgar da carne quando chifres e membros chifrudos irromperam da massa convulsionante de bocas grotescas e olhos amendoados, crescendo até se tornar um aspecto pleno de Belial.

O intermediário se pôs de joelhos e curvou a cabeça. "Mestre, estou às suas ordens."

Belial gargalhou. "Você espera que eu vá poupá-lo se você rastejar?"

"Sou seu para dispor como quiser", afirmou o intermediário. "Santuário inteira é sua."

"Não", retrucou Belial. "Mefisto ainda caminha pela terra, plantando as sementes dele. Mas agora eu estou aqui. Santuário não é minha. Não *ainda*."

O intermediário ousou olhar em reverência para o horror diante de si. "Mas... todos que mentem são seus servos."

A forma mutante de Belial flutuou até o altar. "As mentiras deles não bastam. Santuário só será minha quando seus filhos deixarem de acreditar na existência da verdade." Belial se virou. "E é por isso que, por enquanto, você viverá. Pegue a varinha. Vá e anuncie meu evangelho."

O intermediário curvou novamente a cabeça. "Com prazer, senhor."

SOBRE O AUTOR

Matthew J. Kirby é o aclamado e premiado autor de diversos romances, como *The Clockwork Three*, *Icefall*, *The Lost Kingdom*, *A Taste for Monsters* e *Star Splitter*. Também já escreveu para o universo de Diablo, incluindo o *Livro de Lorath* e o *Livro de Prava*, e para o universo de Assassin's Creed. O trabalho dele já recebeu vários prêmios, incluindo o Prêmio Edgar de Melhor Mistério Juvenil e o prêmio do PEN Center USA de Literatura Infantil. Mora com a família em Idaho, nos EUA.